

Diplomacia e convênios internacionais

É relevante lembrar que o CEAA é fruto do encontro entre os Profes. Candido Mendes e José Maria Nunes Pereira, e dele nasce a intenção de se criar um “Centro de documentação Africana”. Ressaltamos que duas iniciativas anteriores foram precursores do Afro-asiáticos: o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-asiáticos, que era ligado ao Itamaraty e onde o professor Candido Mendes exercia a função de Chefe da Assessoria Internacional da Presidência de Jânio Quadros, Instituto que é desmobilizado em 1964 e, em 1966 a criação a Sociedade Africana de Cultura, atividade com a qual José Maria esteve diretamente envolvido, atividade que em entrevista, ele definiu como uma grande frente do movimento negro com o movimento africano. Entretanto, a sociedade africana de cultura não teve longa vida.

Com o Centro de Documentação Africana, Candido Mendes revivia no ambiente acadêmico a experiência do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-asiáticos, e José Maria dava sequência a suas duas paixões: os livros e a África. O Centro iniciou suas atividades em 1973, como um espaço de sistematização de documentação que oferecia cursos de formação sobre a África/ história da África, era o lugar onde estudantes e militantes iam para conhecer e saber o que estava acontecendo na África.

Porém, ressaltamos que para além do propósito de reunir informações e documentação, o Afro-asiáticos nasce com a vocação de colaborar com processos de cooperação internacional e com o estreitamento de laços diplomáticos entre o Brasil e países Africanos. Desta forma, destaca-se a relação do Centro com a diplomacia e o segmento político dos países africanos e asiáticos, atuação que se traduz na realização de diversos eventos com autoridades políticas e intelectuais africanos, nos convênios internacionais voltados para a formação de estudantes africanos, e na divulgação de informações e da produção intelectual e política africana para a militância do movimento negro brasileiro.

A seguir, destacamos algumas iniciativas realizadas ao longo dos anos 1970 e primeiro meado dos anos 1980, momento em que a relação com a diplomacia e esforços de estabelecimento de convênios e promoção de cooperação internacional marcam profundamente a atuação do CEAA. A partir dos anos 1990 essa relação se caracteriza mais pela realização de convênios internacionais para a realização de cursos de formação sobre África e relações raciais no Brasil.

Um exemplo disso pode ser identificado na comemoração do Dia Internacional pela Eliminação da Discriminação Racial, dia 21 de março de 1974, em que o Centro recebeu o representante da ONU no Brasil e diplomatas africanos. Sobre isso, o primeiro número da Revista Estudos Afro-asiáticos (EAA) (n.1, 1978) detalha que:

Sendo do conhecimento da ONU que o CEAA é a única instituição brasileira que promove cursos e edita textos criticando o *apartheid*, duas missões das Nações Unidas, que visitaram o nosso País para tratar oficialmente de problemas relacionados com o *apartheid* e a Namíbia, procuraram, a título particular, contatar com o CEAA. O Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil, com quem mantemos estreito contato, vem-nos fornecendo valioso material necessário ao nosso trabalho nesse setor. Filmes, dispositivos e opúsculos têm sido utilizados pelos professores do CEAA em conferências realizadas em faculdades e colégios. (n.1, 1978)

Nesse trecho podem ser observadas algumas atuações e conexões importantes do CEAA nesse início. A EAA se apresenta o Centro como única instituição brasileira que promove cursos e edita textos criticando o *apartheid*, o que resulta em uma aproximação das Nações Unidas com o Centro. Com isso, percebe-se que o CEAA era o principal agente do país para ter contato e prover recepção à ONU quando a temática do *apartheid* é abordada. Essa relação aponta para sua importância em âmbito internacional, aparecendo como referência no Brasil sobre o assunto e como uma “ponte” do país com a resistência sul-africana.

Sobre a frente de atuação diplomática, informações podem ser extraídas do segmento “Cooperação com a África”, da EAA n.1 de 1978. Nessa parte há uma assumpção de posições políticas mais explicitamente definidas. Tendo como base a intenção de aprofundar o conhecimento nos 5 países africanos lusófonos, alguns dos textos e artigos escritos por professores do CEAA - como da análise e denúncia do colonialismo português e do racismo na África Austral - chegaram ao conhecimento dos movimentos nacionalistas desse país (n.1, 1978).

Estabeleceu-se um maior intercâmbio, facilitado pelas embaixadas africanas e Nações Unidas, e o Conjunto Universitário Candido Mendes, através do CEAA, tornou-se mais conhecido na África. Passamos também a ser mais procurados por intelectuais africanos em visita ao Brasil e a estabelecer maior intercâmbio com centros de estudos congêneres e outras organizações africanas. (n. 1, 1978, p. 64)

Ao longo dos processos de independência dos países africanos, o CEAA também organizou sessões comemorativas com presenças de embaixadores e outros diplomatas africanos. Esses fatos reforçam sua relevância institucional e diplomática, ao passo que o insere em um contexto político internacional de lutas por independência.

Essa relação vai ser aprofundada em outubro de 1974, quando José Maria é enviado pelo então Conjunto Universitário Candido Mendes em missão de estudo e contato ao Senegal, Guiné-Bissau, Moçambique e Angola, passando ao todo 70 dias no exterior. Ele foi recebido por Ministros de Estado, dirigentes políticos e responsáveis por organismos culturais desses países.

Outra manifestação dessa frente foi o projeto de cooperação técnico-cultural estabelecido entre o CEAA e Guiné-Bissau, no ano de 1976 em Bissau. Nesse projeto, foram realizadas as doações de dois mil livros didáticos brasileiros e, com ela, uma equipe de especialistas em planejamento educacional.

Dessa visita resultaram anteprojetos de cooperação na área de graduação de professores guineenses através de um campus avançado do Conjunto Universitário Candido Mendes em Bissau - e no setor de ensino pelo rádio. Esses anteprojetos estavam integrados no conjunto de sugestões que a delegação governamental guineense, em visita ao nosso país em março de 1976, apresentou ao governo brasileiro para o programa de cooperação cultural a ser desenvolvido entre os dois países. A delegação guineense, encabeçada pelos Ministro Sem Pasta, José Araújo, e Ministro da Justiça, Fidélis C. Almada, foi recebida em sessão solene na nossa universidade e teve reuniões de trabalho com a equipe de cooperação técnico-cultural do CEAA. No momento, os referidos anteprojetos estão em estudo por parte dos dois governos. (n. 1, 1978, p. 64)

Esse trecho é fundamental, pois nele se identifica uma cooperação entre os dois países tendo o CEAA como principal elemento articulador desse processo. Ao mesmo tempo, pela data é possível identificar que essa relação se passou durante o governo Luis Cabral, meio-irmão de Amílcar Cabral, que em 1980 seria deposto por um golpe de Estado.

Com isso, o CEAA aparece no centro do projeto de libertação colonial, produzido por Amílcar e executado por Luis Cabral, que identifica na educação uma área prioritária desse processo. Da mesma forma que Paulo Freire teve um papel importante nesse projeto, com a “nova educação” almejada pela independência e a Campanha Nacional da Educação e Alfabetização de Adultos, o Centro teve um papel de desenvolver projetos de ensino e pesquisa em ambos os países.

Outro estabelecimento de relações significativo do período é registrado no intercâmbio com outros centros de estudos africanos e asiáticos da América Latina e da África. Essa aproximação se materializa nas relações do CEAA com a Associação Latino-Americana de

Estudos Africanos Asiáticos (ALADAA) e com o Conselho para o Desenvolvimento de Pesquisa Social na África (Codesria), com a recepção de visitas de dirigentes das duas entidades no CEAA. Há, com isso, uma previsão de um evento que ocorreria no Rio de Janeiro, em 1982, para contribuir na cooperação acadêmica entre os dois continentes.

Sobre os eventos, destaca-se a capacidade e a estrutura do Centro de patrocinar, em conjunto com outras instituições e em colaboração com as Nações Unidas, o 1º Seminário sobre o Racismo e o *Apartheid*, em 1980 no Rio de Janeiro. Esse evento configura mais um episódio da relação próxima entre o CEAA e as Nações Unidas, a qual é estimulada pelo interesse mútuo sobre o *apartheid*.

Entre setembro e dezembro o CEAA também promoveu um ciclo de conferências sobre as relações do Brasil com a África, estudos afro-brasileiros e estudos africanos. Dentre seus ministrantes aparecem alguns nomes relevantes para o Centro e para os movimentos negros da época, como Carlos Hasenbalg, Anani Dzidzienyo e Lélia Gonzalez. Da mesma forma, professores pesquisadores do CEAA participaram de conferências em outras instituições e faculdades, com destaque para a participação de José Maria em um painel sobre as relações raciais do Brasil com a África contemporânea no Congresso da LASA, nos EUA (n.4, 1980).

Na passagem sobre os intercâmbios há a informação de que o CEAA possuiria contatos institucionais com mais de uma centena de entidades estrangeiras, não especificando quais tipos de entidades, mas distribuídas geograficamente da seguinte forma: Estados Unidos (35), Canadá (4), América Latina e Caribe (11), África (32), Europa (27), Oriente Médio e Ásia (5). Nessa divisão é perceptível a proeminência de certas localidades em detrimento de outras, EUA, África e Europa se destacam se comparadas com as outras regiões.

Dentre as visitas ao CEAA ocorridas ao longo do ano de 1980, a revista de n.4 (1980) lista uma série de personalidades e professores nacionais e estrangeiros que marcaram suas passagens. Desses, destacam-se alguns de relevante expressão e que representam a importância do centro

nacional e internacionalmente: Aquino de Bragança¹, José Ramos-Horta², David E. Bell³, Joy Ogwu⁴, Anani Dzidzienyo⁵, Franklin A. Thomas⁶ e Luís Cabral⁷.

Em 1983, no Rio de Janeiro, foi realizado o 1º Simpósio Internacional América Latina-África, resultado das propostas de Candido Mendes em sua recém-empossada presidência da ALADAA, eleito dois anos antes. Sobre esse evento, há o registro de que teria surgido de uma recomendação do seminário ocorrido em 1981, sobre a relação do Brasil com os países africanos, de que deveria ser organizado um seminário internacional sobre a cooperação afro-latino-americana. O objetivo do evento foi o de promover a cooperação entre países latino-americanos e africanos em vários setores econômicos e sociais. Como destaca a Revista n.10 (1984), a contribuição potencial da América Latina na implementação do Plano de Ação de Lagos, em geral, e do Programa da Década de Desenvolvimento Industrial para a África, em particular, fez-se considerar a inclusão do desenvolvimento industrial no simpósio. Essa inclinação para o desenvolvimento industrial foi motivo suficiente para o convite da participação da ONUDI no evento, que seria importante para facilitar o intercâmbio de experiências industriais entre os continentes.

Dentre os participantes estavam funcionários de países e organizações africanos e latino-americanos, representantes do governo brasileiro (a nível federal e referente ao Estado do Rio de Janeiro), instituições e empresas industriais e a UNESCO, tendo como principal característica o caráter “técnico” do evento. Duas participações mencionadas são as de José Adeodato de Souza Neto, então vice-presidente da Finep, e E.B. Akpan, representante da Organização da Unidade Africana (OUA).

Também em 1983, ocorreu o 1º Colóquio Afro-Latinidade, ocorrido em 1983 (n.11, 1985). Alguns detalhes sobre o evento foram adicionados na apresentação do número, como as dez sessões realizadas com 30 africanos (sendo dois ministros de Estado) e 40 latinoamericanos,

¹ Líder anticolonial da FRELIMO, conselheiro de Estado no governo Samora Machel e Diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane de Moçambique.

² Representante junto à ONU da Frente de Libertação do Timor Leste - Fretilin que, em 2022, foi eleito como o 7º presidente do Timor Leste

³ Vice-presidente da Fundação Ford.

⁴ Ex-ministra de relações exteriores da Nigéria e ex-representante permanente da Nigéria nas Nações Unidas.

⁵ Historiador e cientista político ganês afro-brasilianista, próximo de Abdias do Nascimento.

⁶ Foi Presidente da Fundação Ford entre 1979 e 1996

⁷ Meio-irmão de Amílcar Cabral e presidente da Guiné-Bissau em 1980.

além de diplomatas, representantes de organismos internacionais e acadêmicos de outros continentes. Os registros de financiamento indicam apoio da UNESCO, ONUDI e da FINEP.

Julho de 2023

Alexandre de Paiva Rio Camargo

Camila Gonçalves De Mario